

TRAUMA, REPETIÇÃO, ESQUECIMENTO E ELABORAÇÃO EM CEM ANOS DE SOLIDÃO, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

TRAUMA, REPETITION, OBLIVION AND WORKING THROUGH IN ONE HUNDRED YEARS OF SOLITUDE, BY GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Belinda Mandelbaum¹
Larissa da Cruz Carvalho²

Resumo: O artigo trata da transmissão entre as gerações de traumas ocorridos na história de origem da família Buendía, tal como se apresenta na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (1967). Esses traumas dizem respeito tanto à violência com a população nativa, ocorrida no encontro com o europeu já no século XVI, quanto ao terror da incestualidade que atravessa as relações em família desde a sua origem. Consonante à ideia exposta por Freud em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), de que a história que não pode ser recordada, embora aparentemente esquecida, repete-se inconscientemente em atuações ao longo da vida, a obra de García Márquez permite-nos acompanhar a repetição de traumas ao longo das sucessivas gerações dos Buendía, a ponto de criar uma sensação de tempo circular em eterno retorno ao princípio.

Palavras-chaves: *Cem anos de solidão*; Trauma; Repetição; Esquecimento; Elaboração.

Abstract: *The paper deals with the transmission between generations of traumas occurred in the origin of the Buendía family, as presented in the book One hundred years of solitude, by Gabriel García Márquez (1967). These traumas concern both the violence against the native population, which occurred in the encounter with the Europeans in the 16th century, and the terror of incestuousness that crosses family relationships since their origin. In line with the idea exposed by Freud in "Remembering, repeating and working through" (1914), that the history that cannot be remembered, although apparently forgotten, is unconsciously repeated in acting out throughout life, the work of García Márquez allows us to follow the repetition of traumas throughout the successive generations of the Buendías, to the point of creating a sensation of circular time in an eternal return to the beginning.*

Keywords: *One hundred years of solitude; Trauma; Repetition; Oblivion; Working through.*

¹ Professora associada do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: belmande@usp.br.

² Graduanda em História e Psicologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: carvalholarissa@usp.br.

A transmissão geracional da memória é um eixo que percorre o fluxo da teorização psicanalítica freudiana. O complexo de Édipo, nó de um entrecruzamento de desejos incestuosos e hostis do qual a criança precisa de algum modo desembaraçar-se, superando-o – ainda que paradoxalmente venha a organizar seus modos de funcionamento psíquico, suas relações em família e em sociedade, a vida toda –, é feito, de acordo com Freud, de um conjunto de fantasias conscientes e inconscientes que ultrapassa a história pessoal singular, retroagindo até a origem da humanidade, à horda primitiva chefiada pelo pai tirano que, por possuir de modo violento e exclusivo as mulheres do grupo, acaba por ser assassinado pelos filhos (*Totem e Tabu*, 1913/1976). A partir desse acontecimento primevo, a cada geração cada criança tem que se haver com fantasias de posse exclusiva do objeto amado, a mãe ou o pai, e sua rivalidade com os que ameaçam a realização de seus desejos. O assassinato do pai da horda primitiva funcionaria assim como uma *protofantasia* - o termo é de Freud - com potencialidade para realizar-se em cada família, de formas mais ou menos simbólicas, na relação da criança com os pais e irmãos, e assim no decorrer das gerações. Em Freud, é o atravessamento do complexo de Édipo, com sua potencialidade incestuosa a um só tempo desejada e ameaçadora, que nos torna humanos, ou seja, capazes de aceitar a proibição do incesto para participar do coletivo como espaço de contínua interação e negociação de direitos e deveres, limites e possibilidades. Mas o que nos interessa aqui enfatizar é o caráter de transmissão da memória entre as gerações – de um ocorrido que se torna fantasia e trauma a serem herdados e elaborados por cada sujeito, em cada geração –, uma memória que envolve a relação com os pais e irmãos em fantasias incestuosas, transgressão e culpa.

Em *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez (1967/2003), temos a oportunidade de acompanhar a intimidade doméstica de sete gerações de uma família, os Buendía, nos modos como interagem entre si e com o mundo mais amplo, do nascimento à morte, desde o casamento do patriarca José Arcadio Buendía com sua prima Úrsula Iguarán, nas encostas da serra, numa aldeia de índios.

Apesar do casamento deles ser previsível desde que vieram ao mundo, quando expressaram a vontade de se casar os próprios parentes tentaram impedir. Tinham medo de que aqueles saudáveis fins de duas raças secularmente entrecruzadas [ele, tataraneto de nativo, ela tataraneta de aragonês] passassem pela vergonha de engendrar iguanas. Já existia um precedente tremendo. Uma tia de Úrsula, casada com um tio de José Arcadio Buendía, teve um filho que passou toda a vida de calças larguíssimas e frouxas, e que morreu de hemorragia depois de ter vivido quarenta e dois anos no mais puro estado de virgindade, porque nascera e crescera com uma cauda cartilaginosa em forma de saca-rolhas e com uma escova de pêlos na ponta. Um rabo de porco que nunca deixou ser visto por nenhuma mulher, e que lhe custou a vida quando

um açougueiro amigo lhe fez o favor de cortá-lo com a machadinha de retalhar. (p. 24)

Na ancestralidade dos Buendía que inaugura a narrativa, há incesto e uma prole nefanda, meio humana, meio animal, concreta ou temida, que permanecerá, se seguimos as palavras de Freud, como uma *protofantasia* a atravessar, aterrorizando, os cem anos da família, desde o tempo em que, por conta do temor da repetição do horror monstruoso, José Arcadio e Úrsula evitaram a procriação - uma decisão que os fez se depararem com a desconfiança da comunidade em relação à potência dele, como um ataque à sua honra viril. Um dia, após uma briga de galo em que o perdedor, Prudêncio Aguilar, gritou a José Arcadio “Você está de parabéns, vamos ver se afinal esse galo resolve o caso da sua mulher”, José Arcadio o matou com a “lança ensebada de seu avô” (p. 25) e resolveu enfrentar os perigos do incesto: “- Se você tiver que parir iguanas, criaremos iguanas”, disse à Úrsula. Iguanas, ela não pariu, mas dizia ao marido, sobre os filhos: “Você não tem do que se queixar. Os filhos herdaram as loucuras dos pais. E enquanto se lamentava da má sorte, convencida de que as extravagâncias dos filhos eram uma coisa tão terrível quanto um rabo de porco [...]” (p. 41).

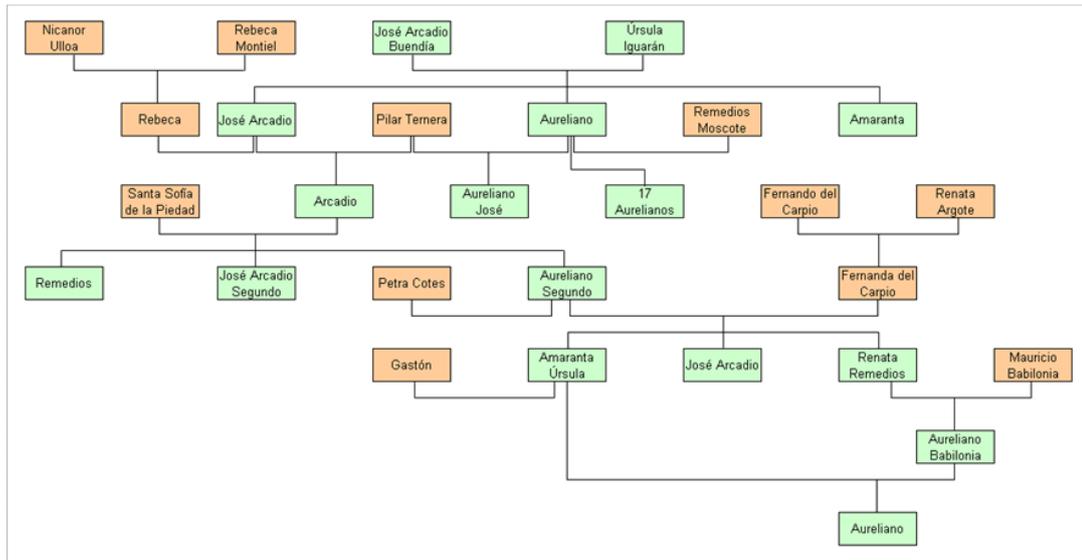
Além da realização nos filhos dos presságios da origem – ainda que não na forma concreta do rabo de porco, mas da loucura -, o assassinato de Prudêncio permanecerá entre o casal como um peso de consciência que não aguentam, e que se materializa na figura do morto como um fantasma que os acoisa ao redor da casa. Por isto, para fugir dele, decidem ir embora da aldeia natal, acompanhados por “jovens como ele [José Arcadio Buendía], encantados com a aventura”, que “desfizeram as suas casas e carregaram com as mulheres e os filhos para a terra que ninguém lhes havia prometido” (p. 26). Essa nova terra, ao contrário da terra prometida ao povo escolhido, já não teria nascido sob a sombra do pecado do incesto e da culpa do assassinato, sendo esta a sua *protofantasia* de origem, que atravessará as gerações dos Buendía? O fato é que, trasladando o relato bíblico para sua aclimação equatorial no litoral e encostas do Caribe, esse povo atravessa a serra e funda, junto a um rio, numa clareira em que haviam dormido e na qual José Arcadio Buendía sonhara “que naquele lugar se levantava uma cidade ruidosa” (p. 27), Macondo, “nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que no sonho teve uma ressonância sobrenatural” (p. 27). Lá, que tem início em pecado, culpa e sonho, como um enigma originário que se deposita no nome sem sentido, José Arcadio Buendía se orgulharia de não haver nem governo nem mortos nem cemitério, como se Macondo fosse um povoado mítico que se sobreporia a um só tempo à natureza e à história, ao pecado e à culpa, que teriam ficado para trás.

- Neste povoado não mandamos com papéis – disse sem perder a calma. – E para que fique sabendo de uma vez, não precisamos de nenhum delegado, porque aqui não há nada para delegar... Somos tão pacíficos que nem sequer morremos de morte natural. Veja que ainda não temos cemitério. (p. 56)

Em Macondo, entre os terrores das iguanas e as extravagâncias dos filhos, entre os cruzamentos incestuosos, com ou sem filhos, que a árvore genealógica dos Buendía deixa entrever, e ainda outros que não se consumam, mas ardem em paixões não correspondidas ou proibidas, em amores domésticos que aproximam membros de gerações sucessivas, Úrsula, forte como uma urso, vigia atenta até o último momento de vida, já cega, os movimentos da casa, para que não retornem os terrores deixados para trás. Aliás, *La casa* foi o primeiro título que Garcia Marquez pensou para o livro, mas do qual abriu mão para não o confundir com a obra de um escritor amigo, *La casa grande* (Samudio, 1954). Teria sido também um bom título, porque as sete gerações habitam a mesma casa em Macondo, num período de cem anos que vai do momento em que José Arcadio Buendía e Úrsula a constroem, passa por sua renovação quando prospera a fábrica de caramelos que Úrsula monta na cozinha, se deteriora ao longo dos anos em meio a perdas e lutos e se renova pelas mãos de Amaranta Úrsula, que transforma a casa que encontra arruinada quando volta de seus estudos e casamento na Europa novamente na casa de suas idealizadas recordações infantis. Ao fim, sem dinheiro para nada, a casa volta a arruinar-se, tomada por mato e formigas. Seria um bom título ainda porque a casa é o espaço onde se consumam as relações endogâmicas e a solidão, ambas a repetir-se no suceder das gerações – “Isso eu já sei de cor”, gritava Úrsula. “É como se o tempo desse voltas redondas e tivéssemos voltado ao princípio” (p. 180). Também os filhos, netos e bisnetos, se alguma vez partem para a vida em outros territórios da aldeia e do mundo, grande parte das vezes voltam, numa outra espécie de eterno retorno. É como com os nomes: Arcadio, José e Aureliano, no caso dos homens, e Úrsula, Amaranta e Rebeca, no das mulheres, são heranças obrigatórias, que carregam além do mais, de acordo com a lenda familiar, os traços de caráter de seus antecessores. Quando Amaranta Úrsula externou o desejo de um nome novo, Rodrigo, para o seu bebê, foi contrariada por seu marido, Aureliano Babilônia: “Não, vai se chamar Aureliano e ganhar trinta e duas guerras” (p. 379). Até mesmo os 17 filhos que o Coronel Aureliano Buendía teve com diferentes mulheres ao longo de suas expedições guerreiras em luta entre liberais e conservadores, todos Aurelianos, um dia batem à porta dos Buendía e Úrsula os reconhece, porque apesar das diferentes cores e idades, trazem a marca inconfundível da solidão, “que não permitia pôr em dúvida o parentesco” (p. 141). Não seriam as pestes que se

abatem na casa, na forma de ruínas e do triunfo do avanço da natureza, tal como na tragédia de Édipo, os frutos tão temidos por Úrsula face à confusão incestuosa das relações de parentesco, gerações e nomes, da qual se pode ter uma primeira visada observando a árvore genealógica dos Buendía?

Figura 1 - Árvore genealógica dos Buendía



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cem_Anos_de_Solidão

Se da primeira geração temos a marca originária do terror do incesto, que retorna mais de uma vez na voz de Úrsula, da segunda lemos que Rebeca, filha biológica de Nicanor Ulloa e Rebeca Montiel, é trazida com 11 anos a Macondo por estranhos que afirmam existir uma ligação consanguínea entre ela e a família Buendía, que desconhecia o fato. A menina chega arrastando pelo chão “um saco de lona que fazia um eterno ruído de cloc cloc cloc, onde trazia os ossos de seus pais” (p. 42). Sem (re)conhecer o parentesco, Úrsula e José Arcadio Buendía, no entanto, a adotam, tratando-a como filha amada. José Arcadio, o filho mais velho, que partira em aventuras ultramarinas após ter um filho com Pilar Ternera, serviçal da casa, ao retornar conhece Rebeca e vive com ela uma paixão feroz, que os faz serem expulsos por Úrsula da casa. O casal vai viver alhures e não tem filhos. Aureliano, o filho do meio, apaixonou-se e casa com Remedios Moscote, na época uma púbere de 13 anos que mal tivera a primeira menstruação e morre durante a primeira gestação. Pilar Ternera concebe dois filhos, Arcadio com José Arcadio e Aureliano José com Aureliano. Correm os cem anos: paixões cruzam gerações, desconhecem a idade e os lugares de cada um na casa, numa incestualidade talvez estimulada também pelo isolamento geográfico de Macondo e que acaba por concretizar, na sétima e última geração, a

fantasia aterrorizadora que Úrsula tem de uma prole meio humana, meio iguana: Aureliano Babilônia, sem conhecer a sua origem de filho de Renata (Meme) com um operário de Macondo, crê que é irmão da mulher por quem se apaixona, Amaranta Úrsula, na verdade sua tia, e dessa paixão nasce Aureliano, um bebê com rabo de porco, ao final devolvido à natureza após a morte da mãe por sangramentos no parto e o abandono do pai nas primeiras horas de nascido: as formigas tomam conta dele, deste solitário de nascença. Com este bebê, extingue-se a estirpe dos Buendía, “porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra” (p. 383).

O incesto, o pecado, a culpa, a condenação e a solidão atravessam os cem anos da história familiar imbricando-se em silêncios, segredos, apagamentos e esquecimentos. Rebeca e Aureliano Babilônia desconhecem as origens que arrastam, paixões incestuosas rolam em segredo, a família é contaminada por insônia e esquecimento, ameaçados por uma “espécie de idiotia sem passado” (p. 45). Um passado que os deixa insones e que desejam esquecer sem nunca terem (re)conhecido.

Uma noite, na época em que Rebeca se curou do vício de comer terra e foi levada para dormir no quarto das outras crianças, a índia que dormia com eles acordou por acaso e ouviu um estranho ruído intermitente no canto. Sentou-se alarmada, pensando que tinha entrado algum animal no quarto, e então viu Rebeca na cadeira de balanço, chupando o dedo e com os olhos fosforescentes como os de um gato na escuridão. Pasmada de terror, perseguida pela fatalidade do destino, Visitación reconheceu nesses olhos os sintomas da doença cuja ameaça os havia obrigado, a ela e ao irmão, a se desterrarem para sempre de um reino milenário no qual eram príncipes. Era a peste da insônia.

Cataure, o índio, não amanheceu em casa. Sua irmã ficou, porque o coração fatalista lhe indicava que a doença letal haveria de persegui-la de todas as maneiras até o último lugar da terra. Ninguém entendeu o pânico de Visitación. “Se a gente não voltar a dormir, melhor”, dizia José Arcadio Buendía, de bom humor. “Assim a vida rende mais”. Mas a índia explicou que o mais terrível da doença da insônia não era a impossibilidade de dormir, pois o corpo não sentia cansaço nenhum, mas sim a sua inexorável evolução para uma manifestação mais crítica: o esquecimento. Queria dizer que quando o doente se acostumava ao seu estado de vigília, começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado (p. 45).

Ainda que despertas, numa vigília sem cansaço nem fim, as pessoas estão de fato acometidas da peste e toda Macondo sucumbe à doença, um “povoado que se afundava sem remédio no atoleiro do esquecimento” (p. 49). E apesar de todos os esforços, todas as estratégias desenvolvidas para lembrar – dentre elas escrever o nome da coisa na própria coisa -, o

esquecimento só se cura com a substância trazida por Melquíades, o cigano. Mas o esquecimento retorna uma e outra vez, em particular nos momentos em que a versão dos vencedores nas sangrentas lutas entre conservadores e liberais, ou entre patrões e operários, apaga violentamente os fatos da história, quando o esquecimento parece se confundir com o medo de falar o que se sabe, o que impede qualquer elaboração. Trata-se de verdade de idiotas sem passado ou, antes, de sujeitos cuja verdade é emudecida? Lembremos de um desses episódios, o da greve dos operários da companhia bananeira. A população da cidade, homens, mulheres e crianças, cerca de 3000 pessoas, foram encurraladas junto à estação de trem, à espera de uma autoridade que havia sido anunciada como capaz de intermediar os conflitos trabalhistas. O exército ordenou que dispersassem e, sem espera nem demora, desceu fogo na multidão. Morreram quase todos, depois colocados em duzentos vagões de trem e jogados ao mar. José Arcadio Segundo, que sobreviveu ao massacre, após três horas de marcha e atraído pelo cheiro de café, entrou na cozinha de uma mulher, a quem murmurou:

- Deviam ser uns três mil.
- O quê?
- Os mortos – esclareceu ele. – Deviam ser todos os que estavam na estação. A mulher mediu-o com um olhar de pena. “Aqui não houve mortos”, disse. “Desde a época do seu tio, o coronel, que não acontece nada em Macondo.” Em três cozinhas onde se deteve José Arcadio Segundo antes de chegar em casa lhe disseram a mesma coisa: “Não houve mortos.” (p. 282)

Até o fim da vida, encerrado no quarto a decifrar pergaminhos em sânscrito que Melquíades, o cigano, deixara na casa antes de morrer, e repetindo em seu encerramento “o destino irreparável do bisavô” (p. 287) José Arcadio Buendía, José Arcadio Segundo repetiria, entre poucas palavras, que “eram mais de três mil... todos os que estavam na estação” (p. 287), lutando assim, nos limites da fala e do quarto, contra o apagamento da verdade executado nos “cadernos escolares”. Até o Coronel Aureliano Buendía, que lutara em trinta e duas guerras, de quem Aureliano Babilônia “realmente ouvira falar algumas vezes”, “era um personagem inventado pelo governo como pretexto para matar os liberais” (p. 359). Daí, talvez, a recomendação exasperada do sábio catalão, de que o grupo de amigos que frequentava a livraria dele “se lembrassem sempre de que o passado era mentira, que a memória não tinha caminhos de regresso” (p. 371).

O sábio livreiro catalão, afeito e mestre no conhecimento da história, em seu desespero, no entanto, propõe o caminho contrário ao que propõe Freud para a cura do adoecimento psíquico, cuja manifestação é sucedânea, para ele, de alguma forma de apagamento de uma

recordação traumática. Como parte de seus textos sobre a técnica psicanalítica, ele escreveu “Recordar, repetir e elaborar” (1914/1976). Debruçado sobre as resistências às intervenções clínicas por parte dos pacientes, ele propõe uma série de manejos que consistem em que o analista leve em consideração a repetição de ideias e comportamentos que teriam a função de encobrimento da lembrança traumática, dolorosa demais para que o(a) paciente possa recordá-la, pensar sobre ela, integrá-la e finalmente esquecê-la. O objetivo do(a) analista deveria ser o de criar condições para a emergência da recordação e da elaboração, em análise, dos traumas que foram apartados da atividade mental consciente, mas que continuam inconscientemente presentes, em manifestação em condutas, atuações e ideações cíclicas que tomam o lugar da lembrança traumática. Para Freud, é preciso lembrar para elaborar e esquecer. Do contrário, é a eterna repetição do que urge ser (re)conhecido.

A lembrança traumática pode ser relativa à história pessoal ou familiar, ou ainda de um coletivo. Na origem da história familiar dos Buendía, outro trauma, desta vez associado ao encontro do europeu com a população nativa, tem desdobramentos em pesadelos e atuações que comprometem não apenas a pessoa diretamente afetada, mas a família toda, através de gerações. Esse trauma de origem tem a potência de determinar o destino do agrupamento familiar, que nunca o elabora ou se livra dele:

Quando o pirata Francis Drake assaltou Riohacha, no século XVI, a bisavó de Úrsula Iguarán se assustou tanto com o toque de alarma e o estampido dos canhões que perdeu o controle dos nervos e se sentou num fogão aceso. As queimaduras converteram-na numa esposa inútil para toda a vida... Renunciou a todo tipo de hábitos sociais, obcecada pela ideia de que o seu corpo desprendia um cheiro de coisa chamuscada. A aurora a surpreendia no quintal, sem se atrever a dormir, porque sonhava que os ingleses, com seus ferozes cães de fila, entravam pela janela do quarto e a submetiam a vergonhosas torturas com ferros em brasa. Seu marido, um comerciante aragonês com quem tinha dois filhos, gastou metade da loja em remédios e divertimentos, procurando a maneira de aliviar os seus terrores. Por fim, liquidou o negócio e levou a família para viver longe do mar, numa aldeia de índios pacíficos na encosta da serra, onde construiu para a mulher um quarto sem janelas, para que os piratas dos seus pesadelos não tivessem por onde entrar... cada vez que Úrsula subia pelas paredes com as loucuras do marido, pulava por cima de trezentos anos de coincidências e maldizia a hora em que Francis Drake assaltou Riohacha. (p. 23)

Cem anos de solidão é a saga trágica de uma família cujo destino, inscrito na origem, é inescapável, por mais que recorram, para aliviar o sofrimento, a viagens e mudanças de residência, às fórmulas mágicas trazidas pelos ciganos, aos amores e às guerras. É inescapável talvez justamente por isto, porque há atuações, mas não diálogos entre os membros que sugeriram

reconhecimento e elaboração mais plenos da história familiar. São cem anos de solidão, por mais que mudem as personagens e as circunstâncias. Macondo é a referência geográfica imutável que, tal como cada um dos Buendía, é isolada e de difícil acesso, cercada por serras e pântano. Seres isolados e impotentes diante de um destino já traçado em sânscrito nos pergaminhos deixados por Melquíades na casa dos Buendía, que Aureliano Babilônia passou anos encerrado a decifrar: *O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas* (p.381). Sânscrito e pergaminhos como língua e materialidade ancestral da escrita, fazem da história da família Buendía algo como um mito de fundação ou, mais precisamente, o texto de origem de uma família latinoamericana que, tal como as estirpes bíblicas, se oferece como modelo para as gerações que se sucedem até os dias de hoje na nossa triste, impotente, repetitiva e solitária América Latina, que sofre tanto de esquecimento de sua própria história.

Referências

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MÁRQUEZ, G. G. (1967). *Cem anos de solidão*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

Submetido em: 23.08.2022

Aceito para publicação em: 04.01.2023